

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia
Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 2, n. 1, jan./jun., 2024, p. 37-43.

MARIA, A DISCÍPULA *MARY, THE DISCIPLE*

*João da Silva Mendonça Filho**

RESUMO: O presente artigo não tem a pretensão de ser uma exegese bíblica com todo o rigor científico e, sim, uma meditação em voz alta de um catequista para catequistas com a apresentação da discípula Maria de Nazaré nos três relatos sinóticos sobre o que se chama de família de Jesus. Veremos em cada texto a originalidade da discípula que chama pelo mestre; a discípula que vence obstáculos para chegar ao Senhor e a discípula que escuta a Palavra.

Palavras-chave: Jesus; Maria; discípula; escuta; família.

ABSTRACT: *This article does not intend to be a biblical exegesis with all scientific rigor, but rather a meditation aloud by a catechist for catechists with the presentation of the disciple Maria de Nazaré in the three synoptic accounts of what is called of Jesus' family. We will see in each text the originality of the disciple who calls for the master; the disciple who overcomes obstacles to reach the Lord and the disciple who listens to the Word.*

Keywords: *Jesus; Maria; disciple; listening; family.*

INTRODUÇÃO

O povo católico é mariano. Muitas são as formas de aproximação de Maria na piedade popular que forma uma tradição rica em seu conteúdo e na vivência. Maria é a discípula que aceitou o chamado de Deus, aprendeu a contemplar aquele menino que cresceu e saiu para anunciar a Boa-Notícia e, também, foi atrás dele com seus familiares na tentativa de entendê-lo ou até livrá-lo de situações difíceis, basta meditar com calma os textos de Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21. Esses textos sempre me trouxeram alguns questionamentos e acredito

* Pe. Mendonça é Salesiano de Dom Bosco; pertence à Inspeção São Domingos Sávio. Mestre em Educação, com especialização em pedagogia vocacional, pela Universidade Pontifícia Salesiana UPS/Itália; pós-graduado em Comunicação e Meios de Comunicação pelo SEPAC/SP e em Educação em Sexualidade pelo UNISAL/SP; licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia. Escreve para revistas especializadas em temas de juventudes, vida religiosa e espiritualidade. Autor de livros e pregador de retiros espirituais. E-mail: pe.mendonca@hotmail.com.

que também aos catequistas, pois precisam explicar e vivenciar com seu grupo de catequese a beleza da devoção mariana com seus muitos títulos.

Este artigo não tem a pretensão de ser uma exegese bíblica, mas uma meditação dos textos que colocam a discípula Maria em busca da Palavra, Jesus. Num certo momento três evangelhos apresentam o fenômeno com certa riqueza de detalhes, isto significa que realmente, num certo momento da vida pública de Jesus, Maria acompanhada de seus familiares desceu de Nazaré para encontrá-lo, é a atitude daqueles que buscam a Deus; enfim, da nossa própria situação de eternos buscadores de Deus em meio a tantas palavras e inquietações.

Apresento esta busca em três etapas: 1) a narrativa de Marcos apresenta Maria que manda chamá-lo; 2) em Mateus, ela quer falar com ele; e 3) em Lucas, ela não consegue chegar até ele por causa da multidão. Há obstáculos para chegar a Ele, mas é preciso alcançá-lo. O que fazer? Os autores nos darão uma chave hermenêutica importante.

1. MARIA MANDA CHAMAR JESUS

“Na obediência a Palavra de Deus Maria é a discípula mais perfeita do Senhor. Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo e, também, se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos”.¹ Essa citação engloba dois aspectos muito importantes: Maria discípula e colaboradora na obra da salvação. É, exatamente nesta hermenêutica que seguiremos para entender a narrativa de Marcos sobre a busca de Jesus realizado por Maria e seus parentes.

E vieram sua mãe e seus irmãos, que, estando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Uma multidão estava sentada em torno dele e diziam-Lhe: “Tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram.” Ele lhes respondeu: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” E, tendo percorrido com o olhar os que estavam sentados em círculo em torno dele, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos, pois aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe (Mc 3, 31-35).

Maria, irmãos e irmãs de Jesus. Aqui começa o problema. Como entender esta expressão “irmãos e irmãs?” A Igreja professa Maria, mãe de Deus (431), a Virgindade perpétua de Maria (649), a Imaculada Conceição (1854) e a Assunção de Maria (1950). A expressão grega *Theotókos*, proclamada no Concílio de Éfeso declarou Maria a *Theo – Deus – Tòkos – mãe*, “pois ela deu à luz ao Verbo de Deus, Jesus Cristo. Mais tarde em 374, Santo Epifânio, em seus

¹ CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007, n. 266.

escritos, usa, pela primeira vez a expressão *sempre virgem* que foi assumida no concílio Ecumênico II de Constantinopla, em 553”.² Cabe aqui a pergunta feita pelo Papa Bento XVI em seu escrito sobre Jesus de Nazaré quando questiona: “O que dizemos no Creio (...) em Jesus Cristo, seu [de Deus] único Filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria” é verdade? Ele mesmo responde que sim, pois, citando o teólogo Karl Barth, “na história de Jesus, há dois pontos nos quais o agir de Deus intervém diretamente no mundo material: o seu nascimento da Virgem e a ressurreição do sepulcro, donde Jesus saiu e não sofreu a corrupção. Deus é Deus, e não Se move apenas no mundo das ideias”.³ A Tradição da Igreja e, conseqüentemente o Magistério, busca na Palavra de Deus a luz para essas declarações. É importante salientar que em Lucas 1,27, a tradição lucana afirma que foi a uma virgem de Nazaré que o Anjo Gabriel trouxe a grande notícia. Ela acreditou, reafirma Isabel ao saudá-la (Lc 1, 43-45).

O conceito de família alargada. Prometida em casamento a José, ao se realizar as bodas, toda a parentela se une numa família alargada, são todos irmãos e irmãs. Por ser um fato importante para ambos a festa dura basicamente uma semana. O casamento não era apenas um ato formal entre o casal, mas incluía as duas famílias na mesma união e benção. Irmandade, então, torna-se algo amplo, sem as fronteiras do sangue, unidos pelos laços da benção nupcial. E Jesus irá ampliar mais ainda, fora dos laços do matrimônio quando olha a multidão e diz: “meus irmãos e irmãs são todos aqueles que fazem a vontade de Deus.” É por isso que Mateus irá dizer: “vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8). Dilata-se o conceito, a vivência e o círculo familiar.

Voltemos ao texto. Maria e a família toda chegam e ficam do lado de fora e procuram Jesus. Não é possível buscar fora aquilo que já estava no interior da família. A multidão é quem pergunta, interessante, não é um mensageiro que vai até Jesus e diz que sua família está lá fora, mas a multidão. Jesus é seguido sempre por uma multidão de pessoas sedentas em busca de sua palavra e seus milagres (Mc 1,32.33-34.37; 2,2.4.13; 3,8-9.20; 4,1.36; 5,21; 6,34; 7,14.33; 8,1.34; 9,14; 10,1.46; 12,37), portanto, Maria e os familiares, são também multidão que buscam Jesus. Ser discípulo significa ir ao encontro, querer ver e ouvir, este é o dinamismo do querigma (1Jo 1,1-4) que aponta para fazer a vontade de Deus.

² MENDONÇA FILHO, João da Silva. *E o nome da Virgem era Maria*. São Paulo: Salesiana, 2009, p. 52.

³ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à transfiguração*. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 52.

Maria foi aquela, entre a multidão, que ouviu a Boa-Notícia e disse sim a Palavra do Anjo, colocando-se como escrava da Palavra. Somente o escravo é capaz de lavar os pés do seu Senhor. Exatamente o que Maria fez ao se despojar de seu projeto e servir aos desígnios de Deus cooperando “na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por tal motivo ela se tornou para nós mãe na ordem da graça... a Igreja não hesita em proclamar esse múnus subordinado de Maria”.⁴

2. ELA QUER FALAR COM ELE

Como bem reza o Documento de Aparecida, “Maria brilha diante de nossos olhos como imagem acabada e fidelíssima do seguimento de Cristo”.⁵ Ela nos ensina a buscá-lo nos interditos da vida cotidiana, em meio às multidões que o rejeitam e acolhem, que gritam por seu nome e que o seguem às apalpadelas. Assim conta para nós Mateus dessa busca:

Ele estava ainda falando às multidões, quando sua mãe e seus irmãos apresentaram-se do lado de fora, querendo falar com ele. Alguém lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo.” Mas ele respondeu a quem lhe avisara: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” e, estendendo a mão para seus discípulos, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos, pois aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe (Mt 12, 46-50).

O relato de Mateus tem detalhes sutis que Marcos não traz. Primeiro eles querem falar com ele, não mandam chamá-lo. Uma pessoa é destacada como o emissário, apesar de não termos o nome revelado. Não é a multidão, como em Marcos, que diz a ele que o estavam buscando. A resposta de Jesus não é dirigida à multidão, mas aos discípulos. Aqueles eram sua família, segundo Mateus. Porém, para ser desta família é preciso fazer a vontade do Pai. Qual é a vontade do Pai? A resposta vem no capítulo 4, 11, o mistério do Reino de Deus. A vontade do Pai é que o Reino seja reconhecido e, então, ele fala em parábolas. Nelas está escondido a mensagem da semente do Reino que ao cair no meio dos seus seguidores é fecundado (Mt 4, 3-9).

O Reino de Deus é a vontade do Pai que se revela na busca e na escuta de Jesus. 122 vezes a expressão aparece no Novo Testamento, destas 99 vezes nos Evangelhos sinóticos e 90 pertencem às palavras de Jesus. Na sua palavra sobre o Reino Jesus anuncia a realeza de Deus, o Deus vivente, soberano⁶ cuja melhor expressão é *Shemá Israel*: “Escuta Israel, nosso deus é

⁴ PAULO VI. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: COMPÊNDIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1968, n. 60.

⁵ *Ibid.*, n. 270.

⁶ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, p. 64s.

único. Por isso deves amar o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças” (Dt 6,4s; 11,13; Num 15,37-41). Fazer a vontade do Pai é reconhecer “sua presença e sua ação, Deus irrompe como atuante aqui e agora... plenitude do tempo (Mc 1,5), em Jesus Deus está em ação, Ele é o tesouro; a perola preciosa”.⁷ Em síntese podemos dizer que ao querer falar com Jesus, Maria e seus irmãos e irmãs, reconhecem que precisam dele, somente nele há a graça, e o conhecem e se deixam conhecer. Neste caso, podemos dizer que o desejo de falar com ele é a relação mais pura com Deus que conduzirá à cruz e a ressurreição.

3. ELA NÃO CONSEGUE CHEGAR ATÉ ELE POR CAUSA DA MULTIDÃO

Maria é a mulher peregrina da fé, “sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança”.⁸ A sutileza de Lucas, Evangelho mariano, o único que apresenta o anúncio do Anjo e Maria reunida com os discípulos em Pentecostes, chamada de Mãe de Jesus (Atos 1,14), apresenta detalhes sobre a dificuldade de chegar até Jesus: a multidão.

Foram encontrá-lo sua mãe e seus irmãos, mas não conseguiram chegar até ele por causa da multidão. Então lhe informaram: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querendo te ver.” Mas ele lhes respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são os escutam a Palavra de Deus e a põem em prática.

Diferentemente de Mc e Mt, Lucas coloca em evidência alguns detalhes próprias de sua sensibilidade mariana: ela não consegue chegar até ele, querem vê-lo. Interessante. A atitude do discípulo que não precisa ver, tocar, mas acredita, segue e busca com sede a Palavra que alimenta o caminhar. Maria e os familiares de Jesus são aqueles que o buscam com os olhos fixos nele. Esta é a atitude do verdadeiro discípulo de Jesus. A resposta de Jesus é mais interessante ainda: os que escutam a Palavra e a põe em prática é meu irmão e minha mãe. Maria, desde o anúncio do Anjo é aquela que soube escutar a Palavra, o próprio Lucas ressalta na resposta de Maria ao Anjo: “faça-se em mim segundo tua palavra” (Lc 1,38).

Ela foi a mulher da escuta e sabia guardar no coração tudo que escutava sobre ele (Lc 2,51). Guardar é a sabedoria do saber escutar e contemplar o Mistério que se revela nos fatos que dão origem a presença de Deus na história. Maria, neste sentido, foi uma contemplativa da Palavra, sempre buscou segui-la mesmo que, às vezes, a multidão, quer dizer, os obstáculos do

⁷ *Ibid.*, p. 68.

⁸ *Documento de Aparecida*, n. 266.

cotidiano impediam. Porém, ela não hesitou em praticar a Palavra colocando-se à serviço dela (Lc 1,56). É dessa atitude mariana de escuta que entendemos seu belo cântico (Lc 1,46-56). Ela proclama a grandeza de Deus ou, como chamamos também, o temor de Deus. Ela reconhece que é uma pequena serva, contudo o Senhor olhou para ela com compaixão e a tornou bem-aventurada. As obras de Deus são misericordiosas: dispersa os soberbos, derruba do trono os poderosos e eleva os humilhados, cumula os pobres de bens e esvazia os ricos, auxilia o seu servo e recorda sempre da sua misericórdia. Nunca esquece de suas promessas. É o Deus da história da salvação e, que, agora, ela também participa como colaboradora.

São todas atitudes daqueles que buscam o Senhor para escutá-lo e servir a ele, Palavra de vida. Como podemos observar nos textos aqui apresentados, Maria é a discípula que busca a Palavra, quer escutá-la e a pratica, mesmo se às vezes, o mistério que envolve a Palavra não se revela instantaneamente, mas requer manter os olhos fixos nele.

CONCLUSÃO

Percorremos três textos bíblicos na tentativa de recuperar o mais possível a tradição Bíblica da discípula Maria de Nazaré. Colocamos em destaque as sutilezas de Marcos que, no seu Evangelho, revela Maria como aquela que chama por Jesus porque o discípulo tem a necessidade de estar perto do mestre.

Em Mateus ela quer falar com ele. Além de chamar pelo mestre a discípula também precisa dialogar com ele. É a dimensão mariana que precisamos saber cultivar em nossa ação catequética mistagógica, ou seja, dialogar com o Senhor no silêncio do coração, na interpretação dos fatos e nas escolhas que fazemos.

Em Lucas a discípula é apresentada como aquela que escuta e pratica a Palavra. Dimensões importantíssimas dentro do processo da iniciação cristã. A escuta atenta da Palavra nos remete a obediência ativa e proativa, porque o discípulo, além de escutar precisa praticar o que escuta.

Como bem nos recorda Aparecida aqueles primeiros seguidores, entre eles está Maria, os irmãos e irmãs de Jesus, “que se sentiram atraídos pela sabedoria das palavras que a pessoa de Jesus despertava, acolheram o dom da fé e vieram a ser discípulos de Jesus”.⁹

⁹ *Ibid.*, n. 21.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à transfiguração*. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

COMPÊNDIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. *E o nome da Virgem era Maria*. São Paulo: Salesiana, 2009.

Recebido em: fevereiro de 2024.

Parecer em: março de 2024.

Publicado em: abril de 2024.